

EDUCAÇÃO INDÍGENA: NAS FRONTEIRAS DAS DIVERSIDADES DO PROLIND – UFCG/OPIP

Robério Davi Borges Cunha¹
Patrícia Cristina de Aragão Araújo²

RESUMO

Este estudo objetiva analisar as práticas escolares nos pressupostos pedagógicos e políticos da Educação Escolar indígena, sob o prisma do Programa de Licenciatura Indígena – PROLIND Referenciamos-nos em autores que discutem a temática, como: BERGAMASHI apud PALADINO & CZARNY(2012);FLEURI (2002), dentre outros. Como abordagem metodológica, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, utilizando entrevistas com docentes, documentos oficiais e análise de políticas públicas, verificando como no contexto dos saberes dos povos indígenas podemos (re)fazer nossas práticas, enfocando novas possibilidades para trabalhar a Educação Escolar indígena e sua História.

PALAVRAS – CHAVE: Educação Escolar Indígena. Refazer. Educação.

ABSTRACT

This goal of this study is to analyze the educational practices in the pedagogical and political methods regarding the indigenous education under the prism (Programa de Licenciatura Indígena – PROLIND. We have made use of authors who approach this theme such as: BERGAMASHI apud PALADINO & CZARNY(2012);(2006), FLEURI (2002), among others. As methodological approach we have done a qualitative, making use of interviews with teachers, official documents and analysis of public policies. Looking through the lenses of the knowledge of the indigenous people we can (re) make our practices, focusing on new possibilities on how to work with indigenous Education and its History.

KEYWORDS: Indigenous Scholarship Education. Refazer. Education.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba(UEPB). Mestrando em Serviço Social (UEPB). E-mail: rdavib@hotmail.com

² Professora Doutora em Educação. Professora da UEPB. Membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão comunitária – NUPECIJ. Grupo de Pesquisa, Ensino, Cultura. E-mail: Cristina-aragao21@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Robério Davi Borges Cunha³
Patrícia Cristina de Aragão Araújo⁴

A escrita da História dos povos indígenas necessita ser revisitada no seu “*locus de produção*”⁵, a partir de novas interfaces que os valorizem como protagonistas do processo histórico, sem as vicissitudes e o conservadorismo oriundos da epistemologia dos discursos e práticas da Historiografia dita tradicional. Tal visão não permite e não adentra nos “territórios culturais” indígenas constituindo uma representação deturpada sobre estes povos, tornando-os seres invisíveis e distantes do cotidiano do livro didático e do ensino de História.

Vislumbramos com a feitura deste trabalho intitulado: “EDUCAÇÃO INDÍGENA: NAS FRONTEIRAS DAS DIVERSIDADES DO PROLIND – UFCG/OPIP”, cujo objetivo é o de re(visitar) a História dos Povos Indígenas no que tange a Educação Escolar através da observação de uma experiência educativa de ensino superior ofertada a professores/as indígenas como um curso de formação inicial, que instrumentalize a sua didática no cotidiano escolar, logo a proposta deste curso é a de oferecer uma educação superior pautada, nos três princípios da Educação indígena, a saber: a interculturalidade, o ensino bilíngue/multilíngüe e a incursão da categoria cotidiano. Atendendo aos anseios, demandas, necessidades e especificidades do movimento indígena e das leis e diretrizes que estes problematizam em seu projeto societário e de Educação, logo este estudo é de suma importância para verificarmos

³ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba(UEPB). Mestrando em Serviço Social (UEPB). E-mail: rdavib@hotmail.com

⁴ Professora Doutora em Educação. Professora da UEPB. Membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão comunitária – NUPECIJ. Grupo de Pesquisa, Ensino, Cultura. E-mail: Cristina-aragao21@hotmail.com

⁵ Pela expressão entendemos as esferas: social, cultural, econômica e política que, juntas formam um “lugar de produção”, podendo ser denominado de “*locus*”. Nesta perspectiva, utilizamos o termo no intuito de abranger o conceito.

como se constituem os parâmetros da Educação Escolar Indígena em seus pressupostos e práticas.

Vale salientar que este artigo é fruto de uma pesquisa monográfica intitulada: “Facetas Educativas dos Povos Indígenas na Educação Escolar: Identidade e Interculturalidade na Representação de Professores de Professores do PROLIND – UFCG”, com uma reflexão sobre a genealogia deste projeto, seus pressupostos teóricos e metodológicos, e sobre a sua aplicabilidade em comunidades indígenas e alunos, numa parceria de representantes destes povos, de origem étnica potiguara, e que constituem a Organização dos Professores Indígenas Potiguaras (OPIP). Eles assimilam conhecimentos de áreas diferentes como a Biologia, Matemática, História e Geografia, ensinadas por “professores brancos”, em sua maioria, mas inserem no processo educativo suas subjetividades e sensibilidades, criando uma representação adaptada ao seu cotidiano e às suas práticas culturais.

Assim, o objetivo central desta pesquisa é analisar de que forma a educação escolar indígena, sob o prisma da interculturalidade, é construída mediante a visão de alunos e professores do referido curso. Para tanto elaboramos questões norteadoras que problematizam essa discussão, a partir das seguintes inquietações: 1º) De que modo o PROLIND trabalha a educação indígena numa abordagem intercultural possibilitando o diálogo de saberes entre o conhecimento vivencial na comunidade e fora dela? Como a perspectiva de uma educação intercultural indígena possibilita a constituição da identidade através do ambiente escolar? E, por fim, qual a visão da educação escolar indígena entre os alunos (as) do PROLIND?

Discorrendo sobre o campo teórico, convém frisar que trabalhamos com os estudos pós-colonialistas (BHABA, 1998); em diálogo com a diversidade multicultural (MOREIRA & CANDAU, 2012) destes povos, e principalmente com a interculturalidade (BERGAMASCHI apud PALADINO & CZARNY, 2012) principal categoria conceitual trabalhada na pesquisa, pois esta é uma das prerrogativas da Educação Escolar Indígena em seus pressupostos teóricos e práticos, outra categoria conceitual é a identidade (HALL, 2006) e a representação (CHARTIER, 1992), dentre outros conceitos em articulação com os saberes da Educação, História e Antropologia.

Então neste contexto é importante perceber que este curso se constitui num referencial curricular e de práticas e ações afirmativas que propicia aos professores/as indígenas um preparo para suas ações e intervenções no cotidiano escolar.

Assim estudar os povos indígenas na perspectiva educacional e intercultural é vital, haja vista hoje vivenciarmos um cenário educativo onde as leis 10.639/2003, e a 11645/2008 versam sobre a obrigatoriedade de ensino das populações afro-brasileiras e indígenas inscritas em currículos e práticas pedagógicas das escolas indígenas e não-indígenas, desta forma é entender os meandros que compõem a Educação Escolar Indígena nos seus pressupostos teóricos e práticos, daí torna-se mister refletir sobre estes povos, daí esta pesquisa, junto a outras pesquisas que problematizam estes povos refletindo sobre eles no tempo presente a partir de uma prerrogativa cultural.

Desta forma compreendemos que a nossa proposta contribui para fomentar novas perspectivas para se trabalhar, didaticamente, os povos indígenas na sala de aula, observando sua complexidade cultural e auxiliando na construção de uma “nova historiografia”, a partir do diálogo e da troca de experiências gerando novos sentidos de compreensão dos povos indígenas no Brasil.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se insere no campo da Educação em articulação dialógica com os saberes da História e da Antropologia e caracteriza-se como sendo do tipo qualitativa, devido ao enfoque dado aos alunos e professores e desta verificar a possibilidade de se investigar uma área do cotidiano, e a partir de então problematizar toda uma conjuntura dando visibilidade aos atores sociais envolvidos na questão, neste caso em específico, os alunos que são os professores indígenas que vêm no curso a possibilidade de complementarem a sua formação inicial, e os professores – coordenadores da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e que compõem o Programa de Licenciatura Indígena (PROLIND), e ouvir o “contar” que estes povos apresentam é de suma importância para entendermos como se constitui este curso nos seus ritos e emblemas.

Como ferramenta metodológica utilizou as contribuições dos saberes da pesquisa qualitativa em dialogo com as ferramentas da chamada “História Oral”, notadamente empregada na segunda etapa da pesquisa que envolvia a pesquisa de campo, e se deu após a pesquisa documental, que neste caso, teve o Projeto Político Pedagógico(PPP) como principal fonte secundária, e o uso desta ferramenta metodológica se deu através

de aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada fechada que teve o intuito de perscrutar a visão que os alunos e professores teciam acerca das representações que o curso exercia sobre sua vida na condição de professores e alunos, este ato, considerando os conceitos de Identidade e Interculturalidade em diálogo com os/as sujeitos envolvidos neste processo, e de que forma estes conceitos ao lado da pesquisa podem auxiliar nas tessituras de uma Educação Intercultural em escolas indígenas e não indígenas.

Para atingir nosso propósito e dar legitimidade a pesquisa refletiu em autores que discutem sobre a pesquisa qualitativa, tais como Oliveira & Sgarbi(2008) em interface com autores que problematizam a História Oral, como Alberti(2004) e Ferreira & Amado(2006), dentre outros autores que discutem sobre esta temática em questão e foram importantes para a nossa pesquisa.

Utilizamos fontes secundárias na primeira etapa, que se constituiu na leitura, fichamento e discussão da bibliografia especializada sobre o tema e de documentos de natureza oficial e extraoficial, fizemos isso também na segunda etapa da pesquisa, e também verificamos a principal fonte que é o Projeto Político Pedagógico (PPP), e outros documentos como cartilhas, e materiais didáticos produzidos pelos professores/as.

Empregamos também as fontes primárias, que são as entrevistas, estas empregadas na segunda etapa da pesquisa que correspondeu à pesquisa de campo, as entrevistas e relatos obtidos pelos alunos-professores indígenas, além de fotografias, filmes e painéis, todo este “inventário de fontes” foi usado para elucidar novas formas de concepção e representação sobre os povos indígenas neste estudo e na educação atual como um todo, de forma a estabelecer balizes que viabilize este estudo na prática.

Utilizamos estes procedimentos em nossa análise, pois eles nos possibilitaram uma melhor reflexão da nossa temática, devido a este curso ser formado pelos professores-coordenadores que idealizaram o projeto, e de seu público, alvo, a saber, os alunos-professores indígenas, e entrevista nos permitiu verificar se as representações que o PROLIND exerceu estavam de acordo com as necessidades e demandas dos professores/as indígenas e da Organização dos Professores Indígenas Potiguaras – OPIP, para isso utilizamos os conceitos de Identidade e Interculturalidade, pois estes ao lado destes métodos e técnicas propostos nos fornecem subsídios para se entender as questões indígenas nas tramas da atualidade no cenário educacional.

Assim esperamos que esta pesquisa dada a sua relevância e diante dos procedimentos teóricos e metodológicos explicitados acima possa contribuir para outras pesquisas, estudos, e para que haja a formação de debates no entorno desta questão, e uma coesão entre a teoria e prática de forma a entendermos os meandros entre a teoria e prática de forma a trazer contribuições no campo das diversidades em âmbito dialógico com a Educação.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Diante da pesquisa realizada constatamos algumas impressões sobre a Educação Escolar Indígena proposta pelo movimento indígena em consonância com as leis, mostradas nos documentos e políticas públicas e com a práxis exercida neste referido curso, constatamos que esta Educação Escolar Indígena seja no ensino superior ou no básico necessita de estudos, debates, análises e reflexões que os problematizem, a partir de premissas do tempo presente, a partir de uma lógica diferenciada, baseado no diálogo entre as identidades e as culturas presentes neste referido curso.

Como se trata de um estudo interdisciplinar e interétnico, isto é, enfoca a Educação e a História, sobretudo a do tempo presente para verificar os fios e tramas que compõem a Educação Escolar Indígena a partir de conceitos, como a Identidade(HALL,2006),Interculturalidade(FLEURI,2002),Cotidiano(CERTEAU,2008) e a Representação(CHARTIER,1992), dentre outros estes em contatos dialógicos dos saberes da Antropologia, pois em se tratando de questões culturais e étnicas esta Ciência nos dá o devido respaldo, principalmente a prospecção teórica mediante a análise de autores, como: Laraia(2001); Geertz(2008); Cunha(1992), entre outros.

E também re(visitamos) a Historiografia para vermos como é retratada a História dos povos indígenas, e do que podemos extrair do passado colonial, para repensarmos a trajetória destes povos, que segundo Canclini(2006) são híbridos culturais, isto é, tem

sua cultura e hábitos do tempo passado, mas que integram o tempo presente, logo um não indígena escutando estes povos e dando visibilidade a este curso, através das entrevistas, buscando fazer uma História indígena com o mínimo de intervenção possível é importante, especialmente se considerarmos a tradição oral destes povos, e de como conceitos defendidos por eles são trabalhados não apenas nas leis, mas nas práticas, logo é este trabalho adquire uma relevância de manual pedagógico a nortear as práticas docentes no sentido de auxiliar a promover atos e ações pedagógicas que pensem a Educação Intercultural entre os indígenas e os não indígenas e sua influencia e desdobramentos presentes na formação de professores.

Tivemos desafios diversos que na tessitura deste trabalho, mas compreendermos como possibilidades no intuito de escrever novas possibilidades valiosas no estudo dos povos indígenas, a partir da revisitação dos lugares de escrita, obtidos nos relatos extraídos das entrevistas tanto dos professores coordenadores como dos alunos-professores; da reorientação do discurso da dita “historiografia tradicional” e do próprio reconhecimento do papel destes povos na história.

Tecemos este estudo buscando olhar estes povos através de suas próprias lentes, vislumbrando o PROLIND e a OPIP como uma “rica parceria cultural e intelectual”, na qual os professores da instituição, na condição de representantes do curso, e principalmente os alunos-professores potiguaras são sujeitos históricos diferenciados.

O PROLIND evidencia o avanço que as políticas públicas em prol destes povos vêm encontrando no Brasil, antes postos na “margem da História”, redefinindo a educação indígena e não indígena, na busca de uma dinâmica intercultural e que traga discussões sobre afrobrasileiros, povos indígenas, brancos e de outras etnias, sem a sobreposição ou supervalorização de umas em detrimento de outras.

Defendemos, pois, “diálogos culturais”, que respeitem a alteridade de cada povo, e auxiliem os contornos de uma nova da História do Brasil, valorizando os povos indígenas como um patrimônio imaterial do processo historiográfico.

CONCLUSÃO

Tecemos este estudo buscando olhar estes povos através de suas próprias lentes, verificando como o PROLIND em parceria com a OPIP delimita toda a conjuntura de formação e funcionamento deste curso, criando uma rica parceria cultural e intelectual, na qual os professores da instituição, que são os alunos-professores indígenas potiguaras têm um curso de formação inicial, disponibilizado de acordo com seus anseios, necessidades e demandas, então nessa ótica este curso está de acordo com o proposto pelo movimento indígena e dos próprios professores, o que se constitui num avanço sobre a questão indígena no Brasil, sem a supervalorização de uma cultura em detrimento de outra, mas vendo pelo viés da Interculturalidade entre a cultura acadêmica e a indígena.

Assim este estudo pode além de promover os povos indígenas, de forma distinta e diferente das abordagens dita “tradicionais” que são produto da Historiografia, podem nos auxiliar professores e alunos não indígenas, na busca de enxergar novas possibilidades de conhecimento e técnicas de ensino que problematize estes povos num cenário atual como parte integrante da escola, do currículo, da nossa cultura, enfim, da sociedade em geral, modificando a nossa visão sobre a Educação e promovendo uma experiência de diálogo entre as diversidades.

Desta forma esperamos que este trabalho dado a sua relevância venha contribuir no reconhecimento dos povos indígenas nas suas artes de ser, existir e ensinar (CERTEAU, 2008) e que haja uma inserção destes seres na sociedade com uma equidade social, cultural e crítica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora: FGV2004.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Interculturalidade nas Práticas Escolares Indígenas e não Indígenas. In: **PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela.** Povos indígenas e escolarização: discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

BHABHA, Homi K. O local da cultura, Belo Horizonte: Ed:UFMG, 1998.

BRASIL. Lei Federal 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 09 jul. 2014.

CANCLINI, Garcia Néstor. Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – Artes de Fazer. 15 ed.. Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro. História dos índios no Brasil. São Paulo. Companhia das Letras, Fapesp, 1992

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (Coord). Usos e Abusos da História Oral. 8 ed. Rio de Janeiro:FGV, 2006.

FLEURI, Reinaldo Matias (org). Intercultura: estudos emergentes. Ijuí. Ed: Ijuí, 2002.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed,2001.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. d. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. Estudos do cotidiano & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Indígena. Campina Grande, Março de 2007

VIEIRA, et al. A pesquisa em História. 5 Ed. São Paulo: Ática, 2007.